

**O Luce
Irigaray**
SEXO

QUE

Tradução
Pedro Elói Duarte

**ORFEU
NEGRO**

**NÃO
É UM
SEXO**

ESTE LIVRO BENEFICIOU DE UM APOIO DO PRR, NO ÂMBITO DA MEDIDA DE INTERNACIONALIZAÇÃO, MODERNIZAÇÃO E TRANSIÇÃO DIGITAL DO LIVRO E DOS AUTORES.



REPÚBLICA
PORTUGUESA



Financiado pela
União Europeia
NextGenerationEU

TÍTULO ORIGINAL

Ce sexe qui n'en est pas un

AUTORA

Luce Irigaray

TRADUÇÃO

Pedro Elói Duarte

REVISÃO

Inês Fraga e Ana Cepeda

CONCEPÇÃO GRÁFICA

Rui Silva

PAGINAÇÃO

Rita Lynce

IMPRESSÃO

Europress — Indústria Gráfica

COPYRIGHT

© 1977 Les Editions de Minuit

© 2026 Orfeu Negro

1.ª EDIÇÃO

Lisboa, Março 2026

DL 561558/26

ISBN 978-989-9225-49-7

ORFEU NEGRO

Rua Silva Carvalho, n.º 152 — 2.º

1250-257 Lisboa | Portugal

www.orfeunegro.org

ÍNDICE

O espelho, do outro lado	7
O sexo que não é um sexo	27
Regresso à teoria psicanalítica	41
Poder do discurso	85
Così fan tutti	109
A «mecânica» dos fluidos	133
Questões	151
O mercado de mulheres	213
Mercadorias entre elas	241
«Francesas», não façam mais nenhum esforço...	251
Quando os nossos lábios se falam	261

O SEXO QUE NÃO É UM SEXO



A sexualidade feminina tem sido sempre pensada a partir de parâmetros masculinos. Assim, a oposição entre actividade clitoridiana «viril» / passividade vaginal «feminina», de que fala Freud — e muitos outros... — como etapas, ou alternativas, da evolução para uma mulher sexualmente «normal» parece demasiado determinada pela prática da sexualidade masculina. Isto porque o clitóris é concebido como um pequeno pénis agradável para masturbar, enquanto a angústia de castração não existe (para o menino), e a vagina vale pelo facto de oferecer um «alojamento» ao sexo masculino quando a mão proibida precisa de encontrar um substituto para o prazer.

As zonas erógenas da mulher não seriam mais do que um sexo-clitóris que não se compara com o valoroso órgão fálico, ou um buraco-invólucro que serve de bainha e de fricção em torno do pénis no coito: um não-sexo, ou um sexo masculino virado do avesso para se auto-afectar.

Numa tal concepção da relação sexual, nada se diz da mulher e do seu prazer, nada. A sua condição seria a da «falta», da «atrofia» (do sexo) e da «inveja do pénis» enquanto único sexo reconhecido como valioso. Ela tentaria, portanto, por todos os meios, apropriar-se dele: pelo seu amor algo servil pelo pai-marido



susceptível de lho dar, pelo seu desejo de um filho-pénis, de preferência rapaz, pelo acesso aos valores culturais por direito ainda reservados apenas aos homens e, por isso, sempre masculinos, etc. A mulher só viveria o seu desejo como expectativa de possuir finalmente um equivalente do sexo masculino.

Ora, tudo isto parece bastante alheio à sua fruição, excepto se ela não sair da economia fálica dominante. Assim, por exemplo, o auto-erotismo da mulher é muito diferente do do homem. Este precisa de um instrumento para se tocar: a sua mão, o sexo da mulher, a linguagem... E esta auto-afecção exige um mínimo de actividade. A mulher, por seu lado, toca-se a si mesma e em si mesma sem necessidade de mediação, e antes de qualquer distinção possível entre actividade e passividade. A mulher «toca-se» o tempo todo, sem que se lhe possa, aliás, proibir isso, pois o seu sexo é feito de dois lábios que se beijam continuamente. Assim, nela, ela é já duas — mas não divisíveis num(a)s — que se afectam.

Na violação violenta produz-se a suspensão desse auto-erotismo: o afastamento brutal desses dois lábios por um pénis violador. Isto desvia e desencaminha a mulher da «auto-afecção» de que ela precisa para não ver o seu prazer desaparecer na relação sexual. Se a vagina deve substituir, *também, e não apenas*, a mão do rapazinho para assegurar uma articulação entre auto-erotismo e hetero-erotismo no coito — o encontro com o totalmente outro a significar sempre a morte —, como será organizada, na representação clássica da sexualidade, a perpetuação do auto-erotismo para a mulher? Não ficará ela entregue à escolha

impossível entre uma virgindade defensiva, ferozmente recolhida sobre si, e um corpo aberto à penetração e que já não conhece, nesse «buraco» que seria o seu sexo, o prazer do seu toque? A atenção quase exclusiva — e muito angustiada... — dada à ereção na sexualidade ocidental mostra até que ponto o imaginário que a comanda é alheio ao feminino. Nela há, em grande parte, apenas imperativos ditados pela rivalidade entre machos: sendo o mais «forte» aquele que «tem a ereção maior», que tem o pénis mais comprido, mais grosso, mais duro, ou mesmo «que mijá mais longe» (cf. os jogos entre rapazes). Ou ainda pela activação de fantasias sadomasoquistas comandadas pela relação do homem com a mãe: desejo de forçar, de penetrar, de se apropriar do mistério desse ventre onde se foi concebido, do segredo da sua geração, da sua «origem». Desejo-necessidade, também, de voltar a fazer correr sangue para reavivar uma relação muito antiga — intra-uterina, sem dúvida, mas ainda pré-histórica — com o materno.

A mulher, neste imaginário sexual, não passa de um suporte, mais ou menos complacente, para a realização das fantasias do homem. É possível, e até certo, que ela nelas encontre, por procuração, algum prazer. Mas isso é, antes de mais, prostituição masoquista do seu corpo a um desejo que não é o seu; o que a deixa num estado de dependência em relação ao homem que bem conhece. Não sabendo o que quer, pronta para qualquer coisa, pedindo até mais, desde que ele a «tome» como «objecto» de exercício do seu prazer. Ela não dirá, assim, o que deseja. De resto, não o sabe ou já não o sabe. Como reconhece Freud, o que diz

respeito aos inícios da vida sexual da menina é tão «obsuro», tão «branqueado pelos anos», que seria preciso escavar muito profundamente a terra para reencontrar, por baixo dos vestígios desta civilização, desta história, os restos de uma civilização mais arcaica que poderiam dar alguns indícios do que seria a sexualidade da mulher. Essa civilização muito antiga não teria, sem dúvida, a mesma linguagem, o mesmo alfabeto... O desejo da mulher não falaria a mesma língua que o do homem e teria sido recoberto pela lógica que domina o Ocidente desde os Gregos.

Nesta lógica, a prevalência do olhar e da discriminação da forma, da individualização da forma, é particularmente estranha ao erotismo feminino. A mulher frui mais com o toque do que com o olhar, e a sua entrada numa economia escópica dominante significa, mais uma vez, para ela, uma atribuição da passividade: ela será o belo objecto a ser olhado. Se o seu corpo se encontra assim erotizado, e convidado a um duplo movimento de exibição e de recato pudico para excitar as pulsões do «sujeito», o seu sexo representa o *horror do nada a ver*. Um defeito nesta sistemática da representação e do desejo. Um «buraco» no seu objectivo escopofílico. Já na estatuária grega se revela a necessidade de excluir esse nada a ver, rejeitar uma tal cena da representação. Nela, o sexo da mulher encontra-se simplesmente ausente: mascarado, recosido na sua «fenda».

Esse sexo que não oferece nada para ver também não tem forma própria. E se a mulher frui precisamente desta incompletude de forma do seu sexo, que faz com que ele se toque

indefinidamente a si mesmo, esta fruição é negada por uma civilização que privilegia o falomorfismo. O valor atribuído à única forma definível bloqueia o que está em jogo no auto-erotismo feminino. O *um* da forma, do indivíduo, do sexo, do nome próprio, do sentido próprio... suplanta, afastando e dividindo, esse toque de *pelo menos dois* (lábios) que mantém a mulher em contacto consigo mesma, mas sem discriminação possível do que se toca.

Daí o mistério que ela representa numa cultura que pretende tudo enumerar, tudo quantificar por unidades, tudo inventariar por individualidades. *Ela não é nem uma nem duas*. Não se pode, com rigor, determiná-la como uma pessoa, tampouco como duas. Ela resiste a qualquer definição adequada. Aliás, não tem nome «próprio». E o seu sexo, que não é *um* sexo, é contado como *não-sexo*. Negativo, avesso, reverso do único sexo visível e morfológicamente designável (mesmo que isso levante alguns problemas na passagem da erecção à detumescência): o pénis.

No entanto, a «espessura» dessa «forma», o seu volume em camadas, o seu tornar-se maior ou menor, e ainda o espaçamento dos momentos em que se manifesta como tal, o feminino guarda-o em segredo. Sem o saber. E, se lhe pedem que sustente, que reavive, o desejo do homem, descura-se salientar o que isso implica quanto ao valor do seu próprio desejo. Que ela, aliás, não conhece, pelo menos de forma explícita. Mas cuja força e continuidade são capazes de nutrir durante muito tempo todas as mascaradas de «feminilidade» que se esperam dela.

É verdade que lhe resta a criança, em relação à qual o seu apetite por tacto, por contacto, tem livre curso, a menos que já

se tenha perdido, alienado no tabu do toque de uma civilização amplamente obsessiva. Caso contrário, o seu prazer encontrará aí compensações e derivativos para as frustrações que ela enfrenta com demasiada frequência nas relações sexuais em sentido estrito. Assim, a maternidade supre as carências de uma sexualidade feminina reprimida. O homem e a mulher já só se acariçiam por essa mediação entre eles que a criança representa? De preferência, rapaz. O homem, que se identifica com o filho, reencontra o prazer do mimo materno; a mulher volta a tocar-se, acariciando essa parte do seu corpo: o seu bebé-pénis-clitóris.

É bastante revelador o que isso implica para o trio amoroso. Mas o interdito edipiano parece uma lei algo formal e fictícia — o meio, porém, de perpetuar o discurso autoritário dos pais — quando se impõe numa cultura onde a relação sexual é impraticável devido à estranheza do desejo do homem em relação ao da mulher e vice-versa. E onde ambos devem, de algum modo, tentar encontrar-se: por meio, arcaico, de uma relação sensível com o corpo da mãe; por meio, presente, da prorrogação activa ou passiva da lei do pai. Comportamentos afectivos regressivos, trocas de palavras demasiado abstractas em relação ao sexual para que não constituam um exílio relativamente a ele: a mãe e o pai dominam o funcionamento do casal, mas como papéis sociais. A divisão do trabalho impede-os de fazer amor. Produzem ou reproduzem. Sem saberem muito bem como utilizar os seus tempos livres. Por pouco que tenham, e que, aliás, queiram ter. Pois, para que serviriam? Que compensação à fonte amorosa inventar? Ainda...